

Eliane Cristine Raab Pires

**A língua inglesa:
uma referência
na sociedade
da globalização**

67

Eliane Cristine Raab Pires

A língua inglesa: uma referência na sociedade da globalização

SÉRIE

Estudos

EDIÇÃO DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA

Título: A língua inglesa: uma referência na sociedade da globalização

Autor: Eliane Cristine Raab Pires

Edição: Instituto Politécnico de Bragança · 2002

Apartado 1138 · 5301-854 Bragança · Portugal

Tel. 273 331 570 · 273 303 200 · Fax 273 325 405 · <http://www.ipb.pt>

Execução: Serviços de Imagem do Instituto Politécnico de Bragança

(grafismo, Atilano Suarez; paginação e montagem, Maria de Jesus;
impressão, António Cruz, acabamentos Isaura Magalhães).

Tiragem: 500 exemplares

Depósito legal nº 180565/02

ISBN 972-745-066-0

Aceite para publicação em 2000

Índice

Resumo	7
Abstract	8
Résumé	9
Introdução	11
1 · A revolução que mudou a face da Inglaterra e do mundo	13
1.1 · A Hegemonia da Inglaterra no Arranque da Revolução Industrial	13
1.2 · Os Avanços da Ciência Moderna	14
1.3 · Principais Inventos da Revolução Industrial (até ao início do século XIX)	15
1.4 · Um Século de Descobertas, de Invenções e de Mudanças Culturais	16
1.5 · O Papel do Capital no Progresso Técnico	17
1.6.1 · Os EUA: A Nova Potência Mundial	18
1.6.2 · O Pioneirismo dos EUA na Informática	19
2 · A Língua Inglesa	23
2.1 · Origem	23

2.2 · Evolução	25
2.3 · Expansão	26
2.4 · O Inglês Actual: Novos Usos e Funções	28
2.5 · O Inglês como Instrumento da Comunicação Internacional	29
Conclusão	31
Fontes Bibliográficas	33

A língua inglesa: uma referência na sociedade da globalização

Resumo

Com uma nova ordem sócio-económica e política resultante do fim da Segunda Guerra Mundial e com o avanço dos meios de comunicação, o estudo de uma língua impõe-se como condição necessária.

Pretende-se com “A Língua Inglesa: uma Referência na Sociedade da Globalização” incentivar os jovens estudantes, sobretudo de cursos tecnológicos, à aprendizagem da língua inglesa que permite um mais fácil acesso aos inúmeros progressos da ciência e da tecnologia, melhorar as perspectivas de trabalho e participar activamente numa sociedade também com importância crescente da informação, em que cada vez mais dominará o Inglês.

Com este propósito, o trabalho divide-se em duas partes:

A primeira parte, após uma breve introdução em que se delinea a predominância da língua inglesa, aborda a Revolução Industrial, como um dos acontecimentos históricos que mais contribuiu para que a língua inglesa ocupasse o lugar de destaque na actualidade; ressalta também a hegemonia norte-americana e a importância dos EUA na divulgação do Inglês, nomeadamente na área da informática.

A segunda parte traça um panorama histórico da língua inglesa, que floresceu como língua do Império Britânico, salientando

acontecimentos políticos e sociais, tão profundos, que ocorreram ao longo dos séculos e que afectaram o povo inglês, na sua vida nacional, e o seu idioma que, desde a Segunda Guerra Mundial, triunfou como a primeira língua internacional.

Conclui-se com uma perspectiva do futuro do Inglês, nas suas variedades no mundo em mudança.

Abstract

With the appearance of a new socio-economic and political order which resulted from the end of the Second World War and with the development in means of communication, the study of a foreign language has become an absolute necessity.

The objective of «A Língua Inglesa: uma Referência na Sociedade da Globalização» is to encourage young people to learn English in order to give them easier access to the countless developments in science and technology, to better their perspectives for employment and to facilitate their active participation in a society based on an ever increasing importance of information in which the English language is more and more dominant.

With this in mind, the present study is divided into two parts.

The first part, after a short introduction in which the predominance of English is outlined, treats the Industrial Revolution as one of the historic events which most contributed to putting the English language into the prominent position which it presently occupies. The leadership and importance of the USA in the spread of English is also noted, particularly in the field of information technology.

The second part presents an historic panorama of the English language, which flourished as the language of the British Empire, noting in particular the profound political and social events which occurred down through the ages and affected the English people in their national life and their language which, since the end of the Second World War, has triumphed as the first international language.

The conclusion offers a perspective of the future of English in all its variations in an ever-changing world.

Résumé

Le nouvel ordre socio-économique et politique issu de la fin de la Deuxième Guerre Mondiale et le développement des moyens de communication, ont imposé l'étude d'une langue étrangère comme indispensable.

Le but de cette réflexion sur « La Langue Anglaise : un Point de Repère dans la Société de la Globalisation » est de motiver les jeunes, surtout les étudiants des cursus technologiques, pour l'apprentissage de la langue anglaise, qui permet un accès plus facile aux nombreux progrès de la science et de la technologie, améliorant ainsi les possibilités de travail, et aussi de participer activement dans une société où croît l'importance de l'information et où l'anglais domine de plus en plus.

D'accord avec cet objectif, le travail se divise en deux parties:

La première, après une brève introduction sur la prédominance de l'anglais, analyse la Révolution Industrielle comme un des événements historiques qui a le plus contribué pour que la langue anglaise soit actuellement au premier rang; on met aussi en évidence l'hégémonie nord-américaine et l'importance des États-Unis dans cette divulgation de la langue, surtout dans le domaine de l'informatique.

La deuxième partie trace l'histoire de la langue anglaise, qui a prospéré en tant que langue de l'Empire Britannique, en attirant l'attention sur des événements politiques et sociaux tellement profonds qui, au fil des siècles, ont touché la vie nationale du peuple anglais et son idiome – après la Deuxième Guerre Mondiale il triomphait déjà comme première langue internationale.

La conclusion présente une perspective de l'avenir de l'anglais, avec toutes ses variétés, dans un monde qui change sans cesse.

Introdução

A relação entre uma língua e um povo é tão íntima que dificilmente se pode separá-los.

Uma língua é importante porque os seus falantes também o são – em termos de política, economia, comércio, sociedade e cultura.

À medida que se acentua a mundialização (comumente referida como “globalização” que é um anglicismo habitual), toma-se consciência das dificuldades criadas pela existência de tantas línguas diferentes, o que constitui um sério obstáculo à comunicação e à compreensão entre os povos.

Uma vez falhado o projecto do Esperanto (língua inventada em 1887, pelo linguista polaco Ludwig Zamenhof) como língua universal e, não sendo previsível encontrar outro projecto do mesmo tipo, deve-se admitir a possibilidade de adoptar uma das línguas já existentes e, na verdade, já há uma excelente alternativa: a língua inglesa.

As colónias inglesas foram vastas, com a Inglaterra actuante em todas elas. A libertação do colonialismo fez-se de modo pacífico e integrante pela pátria mãe; a prova evidente é que costumes, tradições e hábitos alimentares são muitas vezes mantidos nesses países após a independência. É interessante notar que os Ingleses fizeram um colonialismo preocupado com a preservação do seu património não se misturando, por exemplo, com os nativos e impondo a utilização da sua língua nas suas relações.

A Inglaterra, durante séculos, dominou os mares, o que significa claramente a expansão da língua inglesa nas diferentes partes do mundo.

A Revolução Industrial nascida nesse país, representou mais um motivo de expansão, quando os inventos chegavam aos outros países. Em acréscimo a isto os Ingleses procuraram, na medida do possível, manter o governo das comunidades afastado das instituições religiosas que impunham concepções contrárias do universo e que até queimavam cientistas nas fogueiras, circunstância que lhes permitiram tomar a dianteira em todas as áreas de conhecimento e iniciar uma Revolução Industrial que promoveu a sua língua em todo o mundo.

Até ao início do século XX a Europa, nomeadamente a Inglaterra, era o centro do poder, o lugar por excelência da riqueza e da civilização ocidental. Em meados do século XX, a Europa perde a hegemonia perante o protagonismo dos EUA. A partir de então, a língua inglesa toma um novo impulso nas últimas décadas.

Os avanços tecnológicos permitiram ao ser humano mais facilidades de vida, com mais rápida comunicação. Para que tal acontecesse foi necessária uma língua de conhecimento internacional generalizado, para a exacta compreensão do seu uso. O Inglês, como língua activa em todos os continentes, tornou-se o instrumento de comunicação de mais fácil acesso.

De facto, o Inglês não é apenas a língua do comércio internacional. Impôs-se de uma forma natural na ciência, na tecnologia, nos mercados financeiros, na música, no cinema, na informática e em quase todas as áreas de interesse prático.

Actualmente, na era da informática e internet, a difusão de comunicações em que todos os utilizadores, em todo o mundo, já se entendem perfeitamente através de uma língua comum - o Inglês, a tradução de termos informáticos para outras línguas não representa qualquer vantagem. Para além disso, todas as máquinas e peças trazem as explicações técnicas em Inglês, como a língua que mais facilitou o comunicar-se e o globalizar-se. Não foi só pela origem da inovação e da invenção, mas porque a maioria dos povos falam Inglês e aqueles que não o fazem colocam essa língua em seus currículos.

1 · A revolução que mudou a face da Inglaterra e do mundo

1.1 · A Hegemonia da Inglaterra no Arranque da Revolução Industrial

A segunda metade do século XVIII e os princípios do século XIX foram marcados por acontecimentos e processos que transformaram profundamente a vida humana. As revoluções agrícola, comercial, económica, social, demográfica e política verificadas nessa época, criaram as estruturas da sociedade do mundo ocidental de hoje. Sem uma visão, ainda que breve, sobre esses aspectos, não será possível compreender como a língua inglesa atingiu o lugar ímpar que hoje goza entre as demais línguas.

Se a Inglaterra se impôs como a primeira potência comercial nos séculos XVI e XVII, a Revolução Industrial colocou o país um século à frente dos demais estados europeus, em termos de progresso.

Que a Revolução Industrial tenha ocorrido na Inglaterra e não no continente europeu, não é fruto do acaso. A Grã-Bretanha dispunha de importantes recursos em carvão, ferro, cobre e estanho. A sua agricultura assegurava a subsistência de uma população crescente e fornecia matérias-primas à indústria têxteis, às fábricas de curtumes, aos moinhos e às fábricas de cerveja. As chaminés foram-se multiplicando no lugar dos antigos campos desabitados, foram feitas estradas mais alinhadas, mais resistentes e largas. No norte surgiram as primeiras vias férreas para as locomotivas; os navios a vapor começaram a circular por estuários e estreitos.

Na estrutura da sociedade ocorreram mudanças paralelas; aumento da população e novos costumes foram transformando a Inglaterra. Homens, mulheres e crianças vindos do campo passaram a viver apinhados, vivendo não mais como famílias, mas como unidades de mão-de-obra fabril mais especializada e abundante nos centros em desenvolvimento.

Um aspecto importante nesse período da história foi o rápido crescimento populacional que ocasionou, entre outros efeitos, a expansão urbana. Nessa primeira fase da Revolução Industrial, além de a Grã-Bretanha dispor de importantes recursos naturais, a sua agricultura especializou-se em carne e cereais e fornecia matérias-primas às indústrias têxteis. As possibilidades naturais de transportes oferecidas pelos rios navegáveis, os portos e o mar, ajuntava-se uma excelente rede de estradas e de caminhos de ferro. Também, enquanto os estados europeus estavam mergulhados numa sucessão de guerras, muitas vezes nos próprios territórios, a Grã-Bretanha gozava de uma relativa paz, estava livre de conflitos internos e apenas combatia no exterior.

No decurso da segunda metade do século XVIII, a economia inglesa apresenta sinais de um novo dinamismo e mudança: a utilização de máquinas-ferramentas em vários sectores industriais e a indústria ocupa cada vez mais mão-de-obra. Com efeito, por volta de 1760-1780, enquanto outros países da Europa Ocidental procuravam ainda criar condições propícias ao crescimento económico, dava-se na Inglaterra a descolagem para a industrialização: inovações técnicas na indústria do algodão e do ferro e a utilização do vapor como força motriz, tornava a Inglaterra o país pioneiro da Revolução Industrial.

1.2 · Os Avanços da Ciência Moderna

Há muitos milhares de anos, o Homem começou a encontrar meios para transformar os materiais existentes na Natureza em ferramentas de maior utilidade, que lhe permitissem sobreviver num mundo hostil. A descoberta do fogo, por exemplo, e a possibilidade de transformar a argila em cerâmica, ou extrair metais das rochas, viabilizaram o mundo moderno.

Ao longo dos séculos XVII e XVIII, verificaram-se inúmeras inovações científicas e tecnológicas, importantíssimas para a evolução do conhecimento da Natureza e, em particular, do Homem. Este progresso não aconteceu por acaso. Já no período do Renascimento, os estudiosos defendiam a importância da observação e da experiência para a formulação correcta do conhecimento. A adopção destes princípios contribuíram nos séculos seguintes, para o desenvolvimento da Matemática, da Física, da Astronomia e da Medicina. Foi assim que cientistas, como Isaac Newton (1642-1727), contestando o saber tradicional desenvolveram com as suas investigações um novo método de trabalho: o método experimental. Newton formulou a Teoria da

Gravitação Universal dos Corpos e Harvey demonstrou a circulação constante do sangue.

As descobertas e o aprofundamento do saber que se faziam ao nível científico contribuíram para alterar a consciência que o Homem tinha do mundo. Estava em formação uma mentalidade mais rigorosa e exigente. O rigor exigido pelo método experimental conduziu à criação de uma série de instrumentos precisos de medida, de observação, de orientação e, simultaneamente, estas inovações tecnológicas aceleraram os progressos científicos.

Não se pode apresentar as descobertas como a realização do génio individual, mas sim como processo social, sistemático, onde a maior parte das descobertas são feitas depois de repetidas tentativas e erros. Outros inventos surgiram de outras ideias independentes processadas anteriormente, mas que reunidas na mente do inventor resultam num mecanismo complexo ou não, mas eficiente.

No que se refere à corrente do pensamento científico inglês, a maior expressão vem de Francis Bacon (1561-1626), filósofo inglês que precedeu génios como Robert Boyle (1627-1691) defensor do método experimental aplicado com êxito e Isaac Newton. Através deste divulgou-se por todo o século XVIII a possibilidade de se realizarem progressos industriais pelo método da observação e experiência.

1.3 · Principais Inventos da Revolução Industrial (até ao início do século XIX)

As mais importantes inovações deram-se, em primeiro lugar, na indústria têxtil, em particular no sector algodoeiro, uma vez que a Inglaterra possuía matérias-primas abundantes, como a lã e o algodão. Esta fibra, produzida em grande quantidade e a preço baixo, era bastante resistente para trabalhar mecanicamente. Daí a construção de máquinas capazes de trabalhar mais depressa e a menos custo, com destaque para:

- na fiação:

1765 – *spinning-jenny** (James Hargreaves)

1769 – *water-frame** (Richard Arkwright)

1779 – *mulle-jenny** (Samuel Crompton)

1792 – fiadeira automática (William Kelly)

* - tipos de máquinas de fiar mecânicas.

- na tecelagem:

1733 – lançadeira volante (John Kay)

1785 – tear mecânico (Edmund Cartwright)

Os progressos do maquinismo atingiram, também, a metalurgia.

Logo em 1709, Abraham Darby, descobre o processo de ferro fundido por meio de coque (com amálgama de pó de carvão que permitia a fusão do minério de ferro de forma mais eficaz e rápida). Mais tarde, em 1784, Henry Cort inventa a pudelagem, isto é, o processo de descarbonização do ferro para obter um ferro macio, sem impurezas nem carbono, que completou as técnicas necessárias ao desenvolvimento da metalurgia.

A revolução técnica, iniciada na indústria têxtil e continuada na metalurgia, culminou no século XVIII com uma nova máquina que fornecia energia às outras invenções – a máquina a vapor, símbolo da nova época industrial criada por James Watt (1736-1819) após vários ensaios e melhoramentos introduzidos por Newcomen.

A força humana que antes era exigida pelas máquinas foi substituída pela máquina de potência a vapor e a indústria, então, entrava na idade moderna.

As invenções decisivas que tornaram a Revolução Industrial possível e que asseguraram um processo de industrialização e um crescimento econômico prolongado, foram a máquina a vapor, que ofereceu um amplo campo de aplicações imediatamente viáveis e o processo de pudelagem de Cort, que produziu um ferro maleável, barato e aceitável.

1.4 · Um Século de Descobertas, de Invenções e de Mudanças Culturais

No século XIX, a Ciência, estimulada pela Revolução Industrial e aliada ao crescente padrão de vida e desejo de conforto, tornava-se sinônimo de progresso.

Em diversos campos da Ciência registaram-se avanços fundamentais: na Física (descoberta de raio X, radioatividade, dínamo, telefone, lâmpada, telégrafo, etc.), na Biologia (descoberta das leis da hereditariedade) e na Medicina (vacina contra a tuberculose, cólera, raiva). Charles Darwin (1809-1882), desenvolveu a teoria da evolução das espécies.

Alguns pensadores procuraram abordar cientificamente o conhecimento do mundo físico, da vida mental humana e da organização das sociedades. Desenvolveu-se, então, a crença de que a Ciência e, de maneira geral, o progresso, acabariam por solucionar todos os problemas materiais e sociais do Homem.

O século XIX não foi apenas um período de transformações sociais, econômicas e políticas, mas também de uma profunda revolução cultural. Surgiram várias correntes literárias e artísticas e, na arquitetura, a grande revolução, haveria de ter por base os materiais que, graças à Revolução Industrial, eram produzidos em quantidade e a preço baixo: o ferro e o vidro.

A Inglaterra estava no auge do poder e da riqueza. Partindo do princípio de que a literatura é o reflexo do momento histórico, a

característica dessa época manifesta-se também numa veia do mais alto idealismo, glória dos grandes vitorianos como: Charles Dickens (1812-1870), Thomas Carlyle (1795-1881), William Thackeray (1811-1863), Alfred Tennyson (1809-1892), Robert Browning (1812-1889) e outros. Todos eram vozes duma sociedade que tinha consciência do seu poder crescente.

Esse período áureo na história da Inglaterra que ficou conhecido como a Época Vitoriana (devido à rainha Vitória que reinou de 1837 a 1901) corresponde, na literatura americana, ao período pós-independência dos EUA (4 de Julho de 1776) em que se distinguiram: - Ralph Waldo Emerson (1803-1882), Henry David Thoreau (1817-1862), Nathaniel Hawthorne (1804-1864), Herman Melville (1819-1891) e Walt Wittman (1819-1892).

Estes autores, entre outros, deixaram na literatura norte-americana as marcas da insatisfação e da necessidade de questionar a realidade de procurar, no contacto com a natureza, a busca das novas fronteiras, agora do conhecimento e da expansão espacial. Encontramos também já neles, a convicção da possibilidade de realizar todos os sonhos do Homem, naquela que é considerada a nova terra prometida. Estes dois conceitos de “fronteira” e de “sonho americano”.

1.5 • O Papel do Capital no Progresso Técnico

A Revolução Industrial era uma questão tanto de natureza económica como tecnológica: consistiu tanto em alterações no volume e distribuição da riqueza como na mudança dos métodos de administrar essa riqueza para determinados fins. Os movimentos estavam intimamente ligados, pois sem os inventos a indústria estaria ainda em estádios anteriores aos do actual processo.

A realidade é que o capital foi o grande combustível para que houvesse os inventos e estes impulsionssem a evolução da indústria.

Não se sabe, com precisão, de onde veio o capital que chegou a ser aplicado nas indústrias em expansão. Um grande acréscimo de riqueza e do capital inglês, deveu-se a uma convergência de vários factores, tais como:

1. Contrabando do tráfico de escravos com outros países;
2. Produção mecanizada de alimentos, possibilitando a venda de excedentes agrícolas a preços menores e em maiores quantidades;
3. Liberação da mão-de-obra do campo para a cidade, em quantidade e barata;
4. Ampliação dos mercados interno e externo, com domínio do mercado internacional;
5. Supremacia inglesa nas matérias-primas básicas para a industrialização;

6. Desenvolvimento científico e surgimento de máquinas capazes de aumentar a produtividade das fábricas.

Até ao início do século XIX, mais da metade do capital do país parecia estar ligado à terra.

Em 1760 a Grã-Bretanha já investira capitais no exterior em “fábricas” na Índia e em plantações nas Índias Ocidentais, mas também importava capitais estrangeiros. No final do século XVIII Londres era o principal centro para empréstimos internacionais. Em 1773, a bolsa que até então era simplesmente um grupo de correctores que se reuniam num café, passou a ter instalações próprias: o seu primeiro boletim, de 1803, mostrava que os negócios movimentavam, além dos fundos do Estado e do comércio da Índia Oriental, outros negócios de âmbito particular e companhias de seguros.

Mas a característica mais impressionante do processo de acumulação de capital nas décadas intermediárias do século XIX, foram os progressos nos transportes e comunicações que aceleraram a industrialização e a circulação de capitais e investimentos. As trocas tornaram-se mais fáceis e as regiões mais distantes puderam ser abastecidas, gerando-se novas necessidades, o que levou à formação de novos mercados para as satisfazer.

A expansão dos transportes, terrestres e marítimos, bem como a abertura de grandes canais (Suez e Panamá) permitiram reduzir o tempo de ligação entre os diferentes continentes. O comércio internacional conheceu um crescimento acelerado, principalmente com a utilização do vapor a partir de 1880.

Considerando ainda o comércio internacional como uma das principais fontes, se não a principal, de capital para a evolução da indústria na Inglaterra, as exportações foram também muito importantes na sustentação da demanda nos países recém-industrializados de meados do século XIX – a Bélgica, a França e os Estados Unidos. As exportações foram essenciais à expansão das áreas de colonização recente na segunda metade daquele século.

A classe burguesa, com seu espírito empreendedor, procurava lucro e acumulação de capitais para fazer investimentos e poder criar mais riqueza.

Todos esses factores, junto ao sistema político da Inglaterra, onde grupos empresariais podiam dispor de poder e decisão para orientar a economia em função dos seus interesses, fizeram desse país o ponto de apoio para o desencadeamento da Revolução Industrial e Tecnológica.

1.6.1 · Os EUA: A Nova Potência Mundial

O século XIX foi marcado pela adopção, por parte dos diversos países industrializados, de diferentes políticas económicas consoante os interesses do momento. Até 1870, por influência da Inglaterra, seguidora das teorias de Adam Smith, a maior parte das

nações seguia a política do liberalismo económico ou de livre-cambismo.

No mercado interno, houve total liberdade económica da burguesia para produzir, vender e fazer circular as mercadorias produzidas, comprar matérias-primas e fixar os salários do proletariado. A livre concorrência marcou esse processo industrial. Assim o mercado se auto-regulava sem intervenção do Estado, o que não ocorreu no mercantilismo.

A partir de 1870, iniciou-se uma segunda Revolução Industrial que veio com o fim do livre comércio. O capitalismo passava por uma nova fase baseada nas tarifas proteccionistas que cada país impunha para evitar a concorrência de outros países. Nessa fase começaram os trustes – organizações industriais de controle da produção e distribuição de mercadorias, com o objectivo de impor preços dos produtos industriais a seu favor. Esta fase foi fortemente marcada pela eclosão da Primeira Guerra Mundial de 1914 a 1918, com destruição, até então sem precedentes, que causou profundas mudanças no cenário mundial.

Quando a guerra terminou, em 1918, o capital não fluía mais da Inglaterra, mas de uma nova potência dominante, os Estados Unidos da América, com tecnologia emergente, mudando o pólo económico e industrial do mundo.

Por causa do nacionalismo e do colapso económico em 1939, mais uma vez o mundo se viu envolvido numa nova guerra, a Segunda Guerra Mundial, ainda mais devastadora que a primeira. Ao final dessa catástrofe causada pelo homem, o mundo viu-se dividido por dois pólos económicos e militares; de um lado, a leste, a então União das Repúblicas Socialistas e Soviéticas e do outro os Estados Unidos da América. Começa a Guerra Fria e as novas descobertas científicas intensificam-se, saindo os Estados Unidos mais fortalecidos economicamente.

Começa a terceira revolução industrial e tecnológica.

1.6.2 · O Pioneirismo dos EUA na Informática

Os primeiros vestígios de um tratamento racional da informação apareceram há cerca de 10000-12000 anos. Mas só há meio século é que esta “ciência” se desenvolveu.

A palavra informática foi criada em França em 1962. É o amálgama de duas palavras: “informação” e “electrónica”. Os Anglo-Saxões utilizavam originalmente a expressão “Data-Processing” (Tratamento de Dados) que foi abandonada em favor de “Computer Science”.

Se os Franceses se colocaram à frente dos americanos no plano linguístico, isto não teve qualquer seguimento científico ou económico.

O importante papel dos militares para o desenvolvimento da informática, nos períodos precedentes, vai se tornar fundamental a

partir de 1946. O primeiro computador, o “Eniac”, é uma encomenda do exército americano à Universidade de Pensilvânia, mas é o aparecimento da Guerra Fria, em 1947, que acelera o processo de passagem quase automática de pesquisa e de desenvolvimento das empresas privadas (IBM, BELL) e das universidades para o Pentágono.

Depois de 1946, 95% das invenções registadas foram feitas nos EUA, que assim reduzem a contribuição das outras nações.

Em 1951, Eckert e Mauchly lançaram o UNIVAC (universal automatic computer). Capaz de ler 7.200 caracteres por segundo, aceitando letras e números com igual facilidade, foi a primeira máquina no mundo a aceitar diferentes instruções, de acordo com a tarefa desejada. Surgiram assim os conceitos de “hardware” e “software” – ideia do matemático húngaro J. Von Newman que fazia parte da equipa do Eniac. Newman desenvolveu a máquina dotando-a de memória que permitia, se o trabalho fosse interrompido, ser retomado a qualquer momento sem que as informações já contidas fossem apagadas dos seus registos.

Mas a computação automática começou de facto na Inglaterra com Charles Babbage, sendo autor da “analytical engine”, que valeu um avanço de 20 anos face a outras experiências. A computação inglesa provava a sua indiscutível superioridade sobre a americana com a equipa de Charles Babbage, nomeadamente Augusta Adaking, condessa de Lovelace, que era filha do poeta Byron; Lady Lovelace era também a única pessoa que entendia o processo, sendo capaz de lhe dar instruções. Foi a primeira programadora da história. O suíço Niklaus Wirth deu à quarta geração de linguagem de computação o nome de Pascal – em homenagem ao matemático francês Blaise Pascal, em 1970; dez anos depois, em 1980, o Departamento de Defesa Americano deu o nome de Ada a uma linguagem de programação, em homenagem à referida condessa inglesa.

Com o advento da computação o mundo não parou mais de evoluir cientificamente numa rapidez sem precedentes.

Em 1957, enquanto os EUA comemorava o seu poderio militar na Guerra da Coreia (1950-1953) e os lares da classe média recebiam a televisão e outros aparelhos electrodomésticos, dando ao quotidiano da sociedade americana conforto e orgulho, completando ainda mais essa sensação de soberania tecnológica americana em relação ao mundo, a tecnologia permitiu, via satélite artificial, que o mundo acompanhasse pela televisão a chegada do homem à lua. As pesquisas espaciais foram concentradas nas sondas e satélites espaciais, os quais beneficiaram vários ramos da ciência, como, por exemplo, monitorar os desmatamentos e o clima mundial; hoje é possível ter o trânsito de uma cidade monitorado por satélite.

A panorâmica da electrónica-informática no mundo teve um avanço indomável até aos dias de hoje; a década de 60 trouxe o circuito integrado que no início dos anos 70, foi transformado por Ted Hoff no microprocessador.

Em 1974 os microprocessadores passaram a ser aplicados

na área comercial, com a chegada do 8080, da Intel, usado no “Altair” que foi o primeiro computador pessoal. Contudo, a grande revolução da microinformática aconteceu em 1979, com os processadores 8086 e 8088, que, juntos com o sistema operacional MS-DOS, da Microsoft, permitiram a criação do padrão IBM-PC.

O desenvolvimento tecnológico actual deve-se à criação dos computadores pessoais, “Personal computer”.

Resultado: os microprocessadores passaram a ser não só os cérebros dos nossos computadores pessoais como também das nossas calculadoras, máquinas fotográficas, relógios de pulso, telefones e televisores. O controlo automático do termostato do microondas, do abrir e fechar das portas dos elevadores e do consumo do combustível dos automóveis e aeronaves, seria muito mais difícil sem eles. Esses são alguns exemplos de uma infinita lista de facilidades da vida moderna, que a tecnologia electrónica oferece.

Ainda em 1979, surgiu a Internet, considerada a maior revolução sociológica de sempre: qualquer pessoa, em qualquer lugar do planeta, pode comunicar e ter acesso à informação mais variada de um modo instantâneo e sem as barreiras físicas das distâncias e das fronteiras.

2 · A Língua Inglesa

2.1 · Origem

A língua inglesa invadiu o mundo! Esta é uma afirmação com que se pode deparar de algumas décadas até os dias actuais. Porém, no que diz respeito ao nascimento desse idioma tão difundido, falado e estudado, podemos parafrasear a primeira afirmação com um trocadilho que seria: a formação da língua inglesa é o resultado da invasão e colonização das Ilhas Britânicas por diferentes povos com línguas diferentes.

O Inglês de facto como língua nacional não remonta a mais de 500 anos – tempo considerado curto. Poucos são os registos de língua de povos primitivos que habitaram em território que actualmente é a Inglaterra. A língua dos Celtas, a primeira língua indo-europeia usada em território inglês, é a primeira de que se tem conhecimento mais seguro.

O Latim, foi utilizado no período em que a Britânia (segundo os romanos) se tornou província de Roma – isto durou cerca de 400 anos, mas não dominou, nem substituiu o idioma celta. O Latim conseguiu generalizar-se, mas limitado a grupos sociais mais cultos e não conseguiu resistir à invasão teutónica. No entanto, o domínio dos romanos deixou na Grã-Bretanha reminiscências latinas.

Entre os séculos V e VI, os Jutos e os Anglo-Saxões, povos germânicos provenientes do norte da Europa, invadiram a Inglaterra,

sob a forma de ciclos migratórios e estabeleceram-se no litoral, trazendo profundas mudanças linguísticas. Convertidos depois ao Cristianismo (Santo Agostinho chega a Inglaterra em 597), e fixados à terra, são considerados os verdadeiros fundadores da Inglaterra.

A conquista do país pelas tribos que ocupavam o território actual da Dinamarca, desde 835 a 1013, influenciou principalmente os dialectos do norte e da parte oriental da ilha.

Em 1066 Guilherme I, Duque da Normandia, conquistou o reino saxão e fundou uma nova dinastia. A conquista normanda foi outro factor histórico que orientou a revolução linguística. Durante 200 anos o Francês foi a língua das classes que dominavam o país: da corte, da Igreja, dos tribunais e das classes mais elevadas. Os contactos realizados através do franco-normando tiveram uma importância extraordinária no que se refere à predominância do vocabulário latino sobre o anglo-saxão.

O Inglês dos séculos XII, XIII e XIV, dividia-se em vários dialectos, cada um possuindo literatura própria visando pequeno círculo de leitores. Dentre esses dialectos, denominados OLD ENGLISH destacavam-se o Northumbrian, o Mercian, (ambos ao norte do rio Tâmsa, em região ocupada pelos anglos), o West Saxon (a sudoeste da ilha) e o Kentish (a sudeste).

O dialecto merciano, que foi preservado em Londres e nos dois centros intelectuais mais importantes, Oxford e Cambridge, era talvez o mais simples, na sua estrutura gramatical, e o mais adequado para a literatura. Nas mãos de Chaucer (cronologicamente a primeira grande figura da literatura inglesa), adquiriu a dignidade de língua nacional e viria a ser fonte do inglês moderno. Contudo, o dialecto West Saxon (saxão ocidental) foi o mais importante de todos, devido ao rei Alfredo que o transformou na língua “polida” dominante até o século XII. Como consequência da sua grande preocupação em educar o povo, promoveu a tradução de textos latinos, sagrados e profanos, ao mesmo tempo que provia a criação de escolas e organização da historiografia do reino.

Apesar do domínio político e militar pelos Normandos, a língua francesa nunca se conseguiu afirmar para a lei das classes dominantes, enquanto o povo continuava a exprimir-se nos seus dialectos anglo-saxónicos, atribuindo à língua um factor de coesão e independência.

Assim vários foram os factores que contribuíram para o declínio da língua francesa em território inglês, sendo o mais relevante a Guerra dos Cem Anos (1337-1453). Finda a qual, logo em 1362, o discurso de abertura do Parlamento é pronunciado em Inglês.

Estava selada a vocação de força e de predominância do idioma inglês que viria séculos depois a ser mundialmente conhecido, estilizado e falado por todos os países desenvolvidos ou não, em virtude da sua simplicidade, carácter prático e aplicação no desenvolvimento tecnológico. Desde os primeiros passos para as invenções das primeiras máquinas – antecedendo a Revolução Industrial até aos

mais sofisticados sistemas de telecomunicações de hoje – a língua inglesa passou a ser o elo nas informações relacionadas com as constantes descobertas e evolução da tecnologia; tanto no campo científico como nos círculos sociais do mundo civilizado.

2.2 • Evolução

Devido às alterações sofridas pelo Anglo-Saxão até se transformar no Inglês moderno, é costume considerarem-se quatro períodos: OLD ENGLISH ou ANGLO-SAXON (de 450 a 1066); EARLY ENGLISH ou SEMI-SAXON (de 1066 a 1250); MIDDLE ENGLISH (de 1250 a 1500); e MODERN ENGLISH do século XVI aos dias actuais.

A evolução do Inglês, durante o período histórico, é um processo de simplificação progressiva, tanto da gramática como do vocabulário.

O Inglês Antigo, geralmente designado por Anglo-Saxão, era uma língua flexiva ou sintética (o sentido das palavras é determinado por modificação na sua forma). Muito do vocabulário do Inglês Antigo desapareceu, e o aparecimento de novas palavras é um processo corrente no Inglês. Uma ligeira alteração, especialmente nos sons das vogais, caracterizou o Inglês ao longo da história.

O período do Inglês Médio tem propriamente a sua origem na conquista normanda. No século XII, a influência dos Normandos incidiu sobre as formas gramaticais: as vogais finais foram alteradas, algumas consoantes abrandaram e muitas inflexões desapareceram, tendo surgido em sua substituição preposições e palavras auxiliares.

No início do século XIII as formas gramaticais estavam praticamente estabilizadas. Manifestou-se a tendência para se diferenciarem os verbos em fortes e fracos.

Em meados do século XIV, verificou-se grande enriquecimento vocabular na linguagem escrita, sobretudo por influência de Chaucer. O Inglês de Chaucer já era uma língua analítica e não flexiva.

No processo de simplificação, o *Old English* foi mais longe do que qualquer outro dialecto, com a redução drástica ou a pura eliminação das declinações e das conjugações verbais.

A mudança que acompanha constantemente uma língua viva pode ser vista facilmente no vocabulário.

Apesar de ser uma língua de estrutura germânica, grande parte do seu vocabulário provém do Latim. Incorpora cerca de 50% de palavras de origem latina, a maioria das quais foram introduzidas pelos normandos. Isto significa que apresenta uma familiaridade tanto com as línguas germânicas como com as línguas românicas. Embora o factor histórico mais influente na evolução da língua inglesa tivesse sido a conquista normanda, a expansão comercial e marítima também contribuiu de forma marcante para o enriquecimento do vocabulário,

ocasionando a aquisição de termos das mais variadas origens. Nestas circunstâncias, o Inglês como língua de flexão relativamente simples e permissiva à entrada de vocabulário de outras línguas, tornou-se talvez a língua mais acessível do mundo.

2.3 · Expansão

A primeira fase da expansão da língua inglesa, entre os séculos XVI e XVII, deu-se em consequência das transformações económico-sociais ocorridas na Inglaterra.

Os campos ingleses encontravam-se repartidos, entre os grandes senhores, em campos fechados (*enclosed field*) e campos abertos (*openfield*). Estes últimos eram utilizados pelas populações para apascentar o gado e praticar a agricultura de subsistência.

A partir do século XVIII, as terras comunais (baldios) são expropriadas em benefício da nobreza e da burguesia rurais e cercadas de sebes. Este movimento de emparcelamento e vedação de campos – o movimento das *enclosures* – acentuou-se no século XVIII. Em consequência desse movimento, os grandes proprietários (*landlords*) fazem grandes investimentos na agricultura, procurando elevar a produtividade.

Nas terras de onde antes umas cem famílias tiravam subsistência, passaram a viver então uma ou duas famílias. Nas cidades, por seu lado, aumentava a pobreza e o desemprego; nas áreas rurais, os camponeses rebelavam-se. A situação agravou-se com as lutas religiosas da Reforma Protestante. Grupos descontentes, como os Presbiterianos e os Quakers, resolveram criar na América do Norte uma nova sociedade de hábitos mais simples e mais liberais.

O governo inglês não se mostrou inicialmente disposto a interferir directamente na implantação e administração das colónias da América e nem tão pouco cuidou de colectar impostos, de imediato. Com isso, muitas sociedades empresariais entraram em actividades de colonização dando um significado relevante à colonização privada da Nova Inglaterra. Não existia o direito de primogenitura que vigorava na metrópole e nas demais colónias inglesas, tendo isso favorecido o parcelamento das terras e a expansão da área colonizada.

A política britânica de povoamento da Nova Inglaterra variou conforme a época e os grupos humanos. Inicialmente, além da emigração espontânea, foram deportados para lá grupos de criminosos, que chegaram a ser vendidos a 10 ou 15 *shillings* por cabeça, como escravos para as *plantations* (grande extensão de terreno, com culturas como o tabaco, algodão, açúcar, etc.). Algumas empresas britânicas atraíam trabalhadores rurais ou urbanos a irem para a América, em emigração subvencionada.

Quando os EUA proclamaram a independência, os colonos que queriam manter a cidadania britânica emigraram para o Canadá. Na parte meridional desse país, de Ottawa para Oeste, prosseguiram

os Ingleses com uma política de colonização semelhante, porém com uma rigorosa selecção na migração.

A ocupação das Antilhas inglesas começou no século XVII com as primeiras colónias particulares. A ilha de Barbados conseguiu alcançar um bom progresso devido ao contrabando com as colónias espanholas e à liberdade de comércio.

Em 1655 os ingleses conquistaram a ilha da Jamaica, a qual se tornou grande produtora de açúcar. A organização de *plantations*, difundidas em todas as Antilhas inglesas, foi a causa de uma mudança geral na estrutura económica (inclusive fundiária), social e étnica das ilhas.

Partindo da colónia do Cabo, no século XIX, os Ingleses forçaram os Holandeses para o interior e conseguiram, a partir de 1815, o domínio de toda a África do Sul e o aproveitamento das enormes riquezas.

Outras colónias foram conquistadas pelos Ingleses em território africano, isto devido a derrotas militares dos Portugueses, Franceses e Alemães, que após capitularem, reconheceram a soberania britânica, em decorrência de tratados.

A decadência da Companhia das Índias Orientais Holandesas, fundada para promover, organizar e efectuar o comércio marítimo no Índico e no Pacífico, de onde trazia especiarias, algodão e seda, favoreceu os Ingleses a expandirem-se na Índia e, por fim, a dominarem todo o país. Já então possuíam os Ingleses uma esquadra e um poderio comercial e industrial superior ao dos Países Baixos; nessa época, como forma de fazer frente ao crescente poderio da companhia holandesa, os Ingleses fundaram a Companhia Inglesa das Índias Orientais, para o comércio dos produtos orientais.

A evolução dos negócios na Índia, com extracção de algodão, juta, especiarias, madeiras tropicais, pedras preciosas, etc., trouxe a abertura do canal de Suez encurtando a linha vital do Império Britânico, que estimulou a organização de *plantations* na Índia. Borracha, café, chá, algodão, pimenta, passaram em grandes quantidades por Suez para a Inglaterra; no contra-fluxo vinham produtos manufaturados, adubos químicos e combustíveis. Resultados positivos da colonização inglesa na Índia foram a construção de uma rede ferroviária e de grandes represas, o equipamento de portos, a organização de grandes lavouras de algodão, assim como o facto de ter tornado a língua inglesa idioma comum para povos que antes não se entendiam pelos muitos dialectos existentes no seu território, vindo também, com isso, o monopólio inglês do comércio na Índia.

Na colonização da Austrália e da Nova Zelândia, há alguns aspectos a considerar: a história da Austrália tem três fases distintas na sua colonização. Na primeira fase, de 1788 a 1830, regista-se a maior dificuldade da Inglaterra para enviar povoadores para àquelas regiões antípodas. Na segunda fase, que vai de 1830 a 1851, organizou-se uma imigração subvencionada; as terras são vendidas a preços relativamente elevados ou postas em leilões; mesmo que aquelas

terras fossem muito férteis, estavam distantes dos grandes mercados. A terceira fase vem de 1851 até a actualidade. A partir desta data começaram a ser descobertas jazidas de ouro que colocaram a Austrália nos primeiros lugares da produção mundial. Isso fez com que houvesse uma verdadeira corrida ao ouro, atraindo emigrantes ingleses, chineses e malásios e com isso as autoridades australianas tiveram que tomar medidas rigorosas no controlo de imigração. Além do ouro, havia outras riquezas como carne, lã, trigo, além de *plantations* de cana-de-açúcar.

Quanto à Nova Zelândia, embora a colonização tenha sido mais tardia, foi cuidadosamente organizada desde o seu início. A migração foi rigorosamente selectiva, onde a preferência era para a família de classe média que tinha um fácil acesso a boas terras. A raça branca também teve preferência e dessa forma tiveram mais sucesso na colonização desse país.

A segunda fase da expansão da língua inglesa, pode afirmar-se, começou a partir do declínio do Império Inglês, contudo, o idioma não seguiu o mesmo caminho e, com a liderança dos neocolonizadores americanos, teve expansão, como nunca houve.

2.4 · O Inglês Actual: Novos Usos e Funções

O desenvolvimento da língua inglesa passou por várias fases até atingir a condição presente.

Até 1600 o Inglês era falado somente na Inglaterra.

As sementes da presente expansão mundial foram lançadas entre 1600 e 1750, por exploradores, mercadores, aventureiros, soldados e administradores que deixaram a Grã-Bretanha para iniciar a colonização no ultramar.

Entre 1750 e 1900 três mudanças importantes ocorreram: primeiro, a população dos falantes nativos do Inglês aumentou com um grande sentido de identidade; segundo, as colónias tornaram-se independentes, a começar pelos EUA, o que reforçou o grau da diferença linguística, dando origem às diferenças do próprio Inglês, como o indiano, o malasiano, o nigeriano, o sul africano, etc.; terceiro, foi o grande número de imigrantes que se estabeleceram nas prósperas possessões e que tiveram que aprender o Inglês, a fim de sobreviverem, ou encontrar um emprego.

A fase mais recente começou por volta de 1945 e segue dois rumos diferentes:

- o primeiro aquando da independência das ex-colónias britânicas. O Inglês passa da condição de língua nacional e colonial para língua internacional e de acesso ao mundo da ciência e da tecnologia;
- o segundo refere-se à emergência de um grande número de actividades, movimentos e assuntos que são tratados pre-

dominantemente em Inglês. Com a revolução das telecomunicações o Inglês tornou-se dominante nos *media* internacionais, nas publicações de livros, nomeadamente no campo técnico, na indústria internacional da música popular, no cinema e na cultura em geral.

O desafio da sociedade moderna para a ciência e a tecnologia é o da difusão dos conhecimentos e a relação com a sociedade. O sistema científico e tecnológico é uma máquina de enunciar e responder a questões. E a quantidade de questões, ou problemas, multiplicam-se com o desenvolvimento.

Na sociedade de informação e globalizada, as pessoas, sem excepção, têm de adquirir conhecimentos para poder trabalhar e para poder escolher.

É neste quadro global que o Inglês assume um papel cada vez mais importante como instrumento de comunicação; por isso ser adoptado como segunda língua oficial em todas as nações do mundo constituiria um passo decisivo no sentido de facilitar o entendimento dos povos.

2.5 · O Inglês como Instrumento da Comunicação Internacional

O período pós-guerra coincide com o movimento anti-colonialista que permitiu a inúmeras nações tornarem-se independentes, tendo que encontrar soluções para imensos problemas, buscando a ajuda internacional na medida em que não eram auto-suficientes nos campos da educação e da formação.

Houve nações, como a Nigéria, que mantiveram o Inglês como língua do ensino secundário e universitário, outras optaram por seguir uma política que implementasse uma língua nacional, como a Malásia.

A ida de emigrantes para a Inglaterra, obriga, do mesmo modo, a que se criem programas de Inglês, adaptados às necessidades concretas dos recém-chegados.

Os EUA viram-se, também, confrontados com sucessivas vagas de imigrantes que necessitavam de aprender Inglês para se poderem integrar na sociedade americana. Ainda nos EUA houve preocupação de proporcionar estudos à minoria negra para que usasse correctamente o Inglês como a primeira língua.

A contribuição americana para a aprendizagem do Inglês não ficou por aqui. No quadro geopolítico do pós-guerra, a América foi, tal como a Inglaterra, mas numa escala maior e por razões diferentes, chamada a desempenhar um papel cada vez mais importante na formação de quadros técnicos altamente especializados. Muitos técnicos eram imigrantes e não falavam o Inglês. Isto contribuiu para que investigadores procurassem encontrar formas que possibilitassem uma aprendizagem rápida do Inglês. Por aprendiza-

gem rápida entendia-se aquela que se fizesse num curto espaço de tempo e que tivesse resultados práticos e objectivos, uma vez que as pressões do mercado assim o ditavam.

O desenvolvimento de novas tecnologias, possibilitado e apoiado pela investigação científica, encontra no mundo pós-guerra terreno fértil para uma grande expansão. Por outro lado, o comércio à escala internacional também se desenvolve com grande rapidez. Apresenta-se um mundo dominado por duas forças: tecnologia e comércio. É neste contexto internacional que surge a necessidade de se encontrar uma língua universal que possibilite a comunicação à escala mundial. Esta opção (se é que houve opção) não é de todo arbitrária. Os seus fundamentos prendem-se com o papel dominante dos EUA na resolução do conflito com a Alemanha e com o Japão e com o seu poderio económico, apoiado no aparelho económico-militar. Este protagonismo dos americanos faz com que se crie uma apetência especial pela aprendizagem do Inglês.

Confirmado esse facto há aproximadamente 1 bilião de utentes de Inglês, no presente momento histórico, que aprenderam a língua ou entraram em contacto com ela somente nos últimos trinta anos. Distinguindo entre falantes nativos da língua inglesa e os não nativos, pode-se afirmar que existem cerca de 350 milhões de falantes nativos e 750 milhões de falantes não nativos. Ao expandir os critérios para estabelecer o número de falantes não nativos, incluindo todos os que usam a língua inglesa de alguma forma, mesmo em escala limitada, o número de falantes aumenta para 1,5 biliões.

Podem-se dividir os utentes não nativos da língua inglesa em dois grupos:

O primeiro, constituído pelos países que foram colónias e onde o Inglês tem o status de língua oficial. O principal destes países é a Índia, onde grande parte das pessoas falam Inglês como segunda ou terceira língua.

O segundo é constituído pelos falantes que aprendem Inglês como língua internacional ou estrangeira.

Para alguns especialistas do campo dos estudos linguísticos, o Inglês é o “latim do século XX”, fadado a continuar a ser, num mundo cada vez mais internacionalizado, o veículo transportador de conhecimento tecnológico, científico e cultural.

Conclusão

A língua inglesa atinge uma dimensão e uma importância na sociedade moderna de tal maneira que cria expectativa quanto à posição que ela ocupará provavelmente no futuro.

Assumindo que o passado de um povo é de alguma maneira o indicador do futuro, pelo menos, por um período de tempo previsível, o futuro desenvolvimento da Inglaterra e dos EUA seguirá na mesma linha dos últimos séculos. Reflectir sobre a posição do Inglês nas próximas décadas é justificável.

A expansão de uma língua é essencialmente uma questão populacional e económica. As populações europeia e asiática estão envelhecendo enquanto na América Latina e na África ocorreu um “babyboom”, o que terá impacto significativo no número de pessoas que falarão as línguas mais importantes.

Entre as línguas europeias que terão oportunidade de expansão aparece o Espanhol que tem maior peso nas América Latina e Central e há sinais de que esteja crescendo nos EUA; entre os territórios onde é falado o Inglês, tendem a crescer em população: os EUA, o Canadá, a Austrália, a Nova Zelândia e a África do Sul.

A estrutura económica mundial está sofrendo transformações. O mundo, como um todo, está em crescimento; a proporção de riqueza produzida e consumida pelo ocidente encontra-se em declínio. A turbulência económica agora sentida no sudeste asiático é relevan-

te, sem dúvida, e, possivelmente, uma grande parte do comércio será realizado entre países asiáticos. Já há um grande número de jovens não chineses que aprendem o Mandarim, como uma segunda língua ou língua estrangeira.

A proporção da população mundial falante do Inglês, como primeira língua, mostra um ligeiro declínio, enquanto que o número equivalente para outras línguas-chave está em evolução. Nas próximas décadas o Inglês irá certamente crescer a par de outras línguas.

No terceiro milénio o mundo será por isso multilingual. As pessoas falarão várias línguas e o Inglês terá o papel de principal agregador, sendo a língua utilizada em todas as regiões do mundo.

A questão que levanta é saber qual o modelo de Inglês que os estudantes, ou as pessoas, esperam aprender com o surgimento de várias maneiras de falar o Inglês, numa sociedade multilingual.

Os que queiram aprender o Inglês vão-se defrontar com muitas possibilidades. No momento a competição é entre o Inglês britânico e o americano. No entanto, no aspecto linguístico, ambas as línguas são mais similares do que diferentes, e as suas diferenças são pequenas em relação às normas intra-nacionais do Inglês da Índia ou da África Ocidental, por exemplo, que divergem em vocabulário, gramática e sobretudo na pronúncia.

Alguns estudiosos consideram a hipótese de o Inglês padrão, que é o adoptado pelos não nativos, seja falado nas suas variedades, como forma inevitável, e que seja utilizado como segunda língua em muitos países.

Em qualquer alternativa o Inglês será o idioma dominante, também pela vantagem dos países Grã-Bretanha, EUA, Austrália e outros, fazerem a promoção do Inglês, como comunicação mais imediata na técnica, ponto dominante da globalização.

Fontes Bibliográficas

- 1) ASHTON, T. S.. **The Industrial Revolution**, London, Oxford University Press, 1967.
- 2) BAUGH, Albert C.. **A History of the English Language**, second edition, Routledge & Kegan Paul, London and Henley, 1976.
- 3) DOWAL, David Mc. **Britain in Close-up— An in depth study of changing face of contemporary Britain**, Longman, 1993.
- 4) ----- **An Illustrated History of Britain**, Longman, 1993.
- 5) GADELHA, Meton Porto (tradução). **A Revolução Industrial**, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1965.
- 6) GRADDOL, David. **What will English look like in 2050? In Iatefl-Issues**, número 149, Junho-Julho 1999, pp 5-6.
- 7) HARMER, Jeremy. **The Future of English: Review in Iatefl-Issues**, número 141, Fevereiro-Março 1998, p 23.
- 8) LEITE, Bernardete Pinto (tradução). **História da Literatura dos Estados Unidos**, Publicações Europa-América, Portugal, 1986.
- 9) MACHADO, Raul Monteiro (tradução). **História Concisa da**

Inglaterra, volumes 1 e 2, Publicações Europa–América, 1942.

- 10) METROPOLIS, N., HOWLETT, J., ROTA, J.. **A History of Computing in the Twentieth Century**, New York, Academic Press, 1980.
- 11) SILVA, Ferreira da (tradução). **História da Informática**. Coleção Cultura Geral.
- 12) STREVENS, Peter. **English as an International Language in English Teaching Forum**, número 4, volume XXV, Outubro 1997, pp 56-63.

Títulos publicados:

- 1 • **A agricultura nos distritos de Bragança e Vila Real**
Francisco José Terroso Cepeda – 1985
- 2 • **Política económica francesa**
Francisco José Terroso Cepeda – 1985
- 3 • **A educação e o ensino no 1º quartel do século XX**
José Rodrigues Monteiro e Maria Helena Lopes Fernandes
– 1985
- 4 • **Trás-os-Montes nos finais do século XVIII: alguns aspectos económico-sociais**
José Manuel Amado Mendes – 1985
- 5 • **O pensamento económico de Lord Keynes**
Francisco José Terroso Cepeda – 1986
- 6 • **O conceito de educação na obra do Abade de Baçal**
José Rodrigues Monteiro – 1986
- 7 • **Temas diversos – economia e desenvolvimento regional**
Joaquim Lima Pereira – 1987
- 8 • **Estudo de melhoramento do prado de aveia**
Tjarda de Koe – 1988
- 9 • **Flora e vegetação da bacia superior do rio Sabor no Parque Natural de Montesinho**
Tjarda de Koe – 1988
- 10 • **Estudo do apuramento e enriquecimento de um pré-concentrado de estanho tungsténio**
Arnaldo Manuel da Silva Lopes dos Santos – 1988
- 11 • **Sondas de neutrões e de raios Gama**
Tomás d'Aquino Freitas Rosa de Figueiredo – 1988
- 12 • **A descontinuidade entre a escrita e a oralidade na aprendizagem**
Raul Iturra – 1989
- 13 • **Absorção química em borbulhadores gás-líquido**
João Alberto Sobrinho Teixeira – 1990

-
- 14 · **Financiamento do ensino superior no Brasil – reflexões sobre fontes alternativas de recursos**
Victor Meyer Jr. – 1991
 - 15 · **Liberalidade régia em Portugal nos finais da idade média**
Vitor Fernando Silva Simões Alves – 1991
 - 16 · **Educação e loucura**
José Manuel Rodrigues Alves – 1991
 - 17 · **Emigrantes regressados e desenvolvimento no Nordeste Interior Português**
Francisco José Terroso Cepeda – 1991
 - 18 · **Dispersão em escoamento gás-líquido**
João Alberto Sobrinho Teixeira – 1991
 - 19 · **O regime térmico de um luvissole na Quinta de Santa Apolónia**
Tomás d'Aquino F. R. de Figueiredo - 1993
 - 20 · **Conferências em nutrição animal**
Carlos Alberto Sequeira - 1993
 - 21 · **Bref aperçu de l'histoire de France – des origines à la fin du II^e empire**
João Sérgio de Pina Carvalho Sousa – 1994
 - 22 · **Preparação, realização e análise / avaliação do ensino em Educação Física no Primeiro Ciclo do Ensino Básico**
João do Nascimento Quina – 1994
 - 23 · **A pragmática narrativa e o confronto de estéticas em *Contos de Eça de Queirós***
Henriqueta Maria de Almeida Gonçalves – 1994
 - 24 · **“Jesus” de Miguel Torga: análise e proposta didáctica**
Maria da Assunção Fernandes Morais Monteiro – 1994
 - 25 · **Caracterização e classificação etnológica dos ovinos churros portugueses**
Alfredo Jorge Costa Teixeira – 1994
 - 26 · **Hidrogeologia de dois importantes aquíferos (Cova de Lua, Sabariz) do maciço polimetamórfico de Bragança**
Luís Filipe Pires Fernandes – 1996

-
- 27 · **Micorrização in vitro de plantas micropropagadas de castanheiro (*Castanea sativa* Mill)**
Anabela Martins – 1997
- 28 · **Emigração portuguesa: um fenómeno estrutural**
Francisco José Terroso Cepeda – 1995
- 29 · **Lameiros de Trás-os-Montes: perspectivas de futuro para estas pastagens de montanha**
Jaime Maldonado Pires; Pedro Aguiar Pinto; Nuno Tavares Moreira – 1994
- 30 · **A satisfação / insatisfação docente**
Francisco Cordeiro Alves – 1994
- 31 · **O subsistema pecuário de bovinicultura na área do Parque Natural de Montesinho**
Jaime Maldonado Pires; Nuno Tavares Moreira – 1995
- 32 · **A terra e a mudança – reprodução social e património fundiário na Terra Fria Transmontana**
Orlando Afonso Rodrigues – 1998
- 33 · **Desenvolvimento motor: indicadores bioculturais e somáticos do rendimento motor de crianças de 5/6 anos**
Vítor Pires Lopes – 1998
- 34 · **Estudo da influência do conhecimento prévio de alunos portugueses na compreensão de um texto em língua inglesa**
Francisco Mário da Rocha – 1998
- 35 · **La crise de Mai 68 en France**
João Sérgio de Pina Carvalho Sousa – 1999
- 36 · **Linguagem, psicanálise e educação: uma perspectiva à luz da teoria lacaniana**
José Manuel Rodrigues Alves
- 37 · **Contributos para um estudo das funções da tecnologia vídeo no ensino**
Francisco Cordeiro Alves – 1998
- 38 · **Sistemas agrários e melhoramento dos bovinos de raça Mirandesa**
Fernando Jorge Ruivo de Sousa – 1998

-
- 39 · **Enclaves de clima Cfs no Alto Portugal – a difusa transição entre a Ibéria Húmida e a Ibéria Seca**
Ário Lobo Azevedo; Dionísio Afonso Gonçalves; Rui Manuel Almeida Machado – 1995
- 40 · **Desenvolvimento agrário na Terra Fria – condicionantes e perspectivas**
Duarte Rodrigues Pires – 1998
- 41 · **A construção do planalto transmontano – Baçal, uma aldeia do planalto**
Luísa Genésio – 1999
- 42 · **Antologia epistolográfica de autores dos sécs. XIX-XX**
Lurdes Cameirão – 1999
- 43 · **Teixeira de Pascoaes e o projecto cultural da “Renascença Portuguesa”**
Lurdes Cameirão – 2000
- 44 · **Descargas atmosféricas – sistemas de protecção**
Joaquim Tavares da Silva
- 45 · **Redes de terra – princípios de concepção e de realização**
Joaquim Tavares da Silva
- 46 · **O sistema tradicional de exploração de ovinos em Bragança**
Carlos Barbosa – 2000
- 47 · **Eficiência de utilização do azoto pelas plantas**
Manuel Ângelo Rodrigues, João Filipe Coutinho – 2000
- 48 · **Elementos de física e mecânica aplicada**
João Alberto Sobrinho Teixeira
- 49 · **A Escola Preparatória Portuguesa – Uma abordagem organizacional**
Henrique da Costa Ferreira
- 50 · **Agro-ecological characterization of N. E. Portugal with special reference to potato cropping**
T. C. Ferreira, M. K. V. Carr, D. A. Gonçalves – 1996
- 51 · **A participação dos professores na direcção da Escola Secundária, entre 1926 e 1986**
Henrique da Costa Ferreira – 2002

-
- 52 · **A evolução da Escola Preparatória – o conceito e componentes curriculares**
Henrique da Costa Ferreira
- 53 · **O Homem e a biodiversidade (ontem, hoje... amanhã)**
António Réffega – 1997
- 54 · **Conservação, uso sustentável do solo e agricultura tropical**
António Réffega – 1997
- 55 · **A teoria piagetiana da equilibração e as suas consequências educacionais**
Henrique da Costa Ferreira
- 56 · **Resíduos com interesse agrícola - Evolução de parâmetros de compostagem**
Luís Manuel da Cunha Santos – 2001
- 57 · **A dimensão preocupacional dos professores**
Francisco dos Anjos Cordeiro Alves – 2001
- 58 · **Análise não-linear do comportamento termo-mecânico de componentes em aço sujeitas ao fogo**
Elza M. M. Fonseca e Paulo M. M. Vila Real – 2001
- 59 · **Futebol - Referências sobre a orientação do jogo**
João do Nascimento Quina – 2001
- 60 · **Processos de cozedura em cerâmica**
Helena Canotilho
- 61 · **Labirintos da escrita, labirintos da natureza em "As Terras do Risco" de Agustina Bessa-Luís**
Helena Genésio – 2002
- 62 · **A construção da escola inclusiva - um estudo sobre a escola em Bragança**
Maria Fernandes Ferreira
- 63 · **Atlas das aves nidificantes da Serra da Nogueira**
Domingos Patacho
- 64 · **Dialecto rionorês... contributo para o seu estudo**
Dina Macias

-
- 65 · O desenvolvimento vocabular na criança de quatro anos**
Dina Macias – 2002
- 66 · Barbela, um trigo escravo - a cultura tradicional de trigo na terra fria bragançana**
Ana Carvalho
- 67 · A língua inglesa: uma referência na sociedade da globalização**
Eliane Cristine Raab Pires – 2002